

IV SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ



Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI



Eixo temático: Educação Diversidade, Inclusão e Desigualdades

Reivindicando lugares profissionais: sentidos produzidos em alunos a partir da atuação de um professor cego

CLAIMING SPACES: MEANINGS PRODUCED BY STUDENTS THROUGH THE
WORK OF A BLIND TEACHER

Juliano Severo¹

Júlia Amanda Herter Schneider²

Maria Simone Vione Shwengber³

RESUMO

Neste trabalho objetivou-se analisar o que pode e o que produz um professor cego no espaço escolar, considerando a transição para o modelo social da deficiência como importante marco na ressignificação desses corpos e vidas. Para tal, foi enviado um questionário para alunos da educação básica, os quais tiveram aulas com um docente cego, sendo suas respostas analisadas a partir do método analítico discursivo Foucaultiano. Os enunciados dos alunos, consideraram que a presença de um professor cego no espaço escolar, possibilita desconstruir capacitismos produzidos historicamente, propiciar uma inclusão mais efetiva e servir como combustível para outros sujeitos semelhantes tomarem para si lugares antes negados.

Palavras-chave: Anticapacitismo; Modelo social da deficiência; professor com deficiência; Representatividade.

ABSTRACT

This study aimed to analyze how the presence of a disabled teacher in the school environment redefines meanings and produces new ways of perceiving disability, considering the transition to the social model of disability as a significant milestone in the resignification of these lives. To this end, a questionnaire was sent to basic education students whose educational paths included classes with a blind teacher; their responses were analyzed using

¹ Licenciado em Ciências Biológicas, mestrando em Educação nas Ciências - UNIJUI
juliano.severo@sou.unijui.edu.br

² Licenciada em Pedagogia, doutoranda em Educação nas Ciências - UNIJUI, julia.schneider@unijui.edu.br

³ Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - UNIJUI,
simone@unijui.edu.br

IV SIEPECSEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS**XXIV ENACED**

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECIENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO**O PAPEL DA EDUCAÇÃO
NO ENFRENTAMENTO
DA CRISE CLIMÁTICA**

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ


Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI
UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

the Foucaultian discourse analysis method. The students' statements indicated that the presence of a blind teacher in schools makes it possible to deconstruct historically produced ableism, foster more effective inclusion, and serve as fuel for other similar subjects to occupy spaces previously denied to them. Thus, it can be inferred that the presence of a disabled teacher in the school setting carries forward the claim of the discourses advocated by the social model and enables other people with disabilities to do the same.

Key words: Social model of disability; Disabled teacher; Anticapacitism; Representativeness.

As primeiras reivindicações e ressignificações da deficiência

A presença de sujeitos deficientes na escola regular tornou-se comum no final do século XX, quando o discurso da inclusão ganhou força, passando a fazer parte da vida de sujeitos deficientes e não deficientes. Segundo Diniz (2007), essa transição de paradigma está atrelada a transição de um modelo médico para um modelo social da deficiência. A transição ocorre a partir do momento em que sujeitos deficientes tomam para si o discurso e definem novos saberes para regerem suas vidas, reconhecendo a lesão corporal de seus corpos, mas expondo o quanto a deficiência é um objeto construído socialmente (Diniz, 2007).

Assim, são abandonadas práticas discursivas e novas formas de condução da vida deficiente são adotadas. Dentre elas, vale iniciar dando destaque para a renúncia de termos que remetem ao modelo médico, tais como: "aleijado", "manco", "retardado", "pessoa portadora de necessidades especiais" e "pessoa especial" (Diniz, 2007, p. 12). Assim, assumem-se outras posições, visando o protagonismo do ser humano antes da deficiência: "pessoa deficiente", "pessoa com deficiência" e "deficiente" (Diniz, 2007, p. 15). Para esse texto, todos os termos serão utilizados indiscriminadamente, acrescidos dos termos sujeito deficiente e sujeito com deficiência, embasados nos pressupostos de Foucault (2010) de que não nascemos sujeitos, nos tornamos a partir de processos históricos envoltos em relações de saber e poder.

Além de mudanças terminológicas, que à primeira vista podem parecer banais, é a partir delas que a deficiência ganha novos significados na sociedade contemporânea. Se no

IV SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

modelo médico a deficiência tinha como um de seus signos a doença, a incapacidade, a dependência e a exclusão (Piccolo, 2020) e (Sassaki, 2010). O modelo social da deficiência propõe uma mudança importante de olhar, aqui a deficiência não é entendida como um problema do corpo individual, mas como resultado das barreiras impostas socialmente tais como: ênfase nas barreiras físicas (arquitetura, transporte), barreiras comunicacionais (falta de braille, Libras, audiodescrição), Barreiras atitudinais (preconceito, estereótipos). A deficiência pela ótica do modelo social, desloca o foco da limitação individual para as condições sociais, evidenciando que o “não poder” é produzido por barreiras de condições sociais, e não pela ausência de capacidade do sujeito.

Ao destacar que a deficiência não define limites absolutos, revela-se a potência do sujeito e isso inclui sua plena capacidade de atuação profissional, cognitiva, relacional. Mais do que negar limites, trata-se de afirmar que a deficiência não anula a capacidade de produzir, ensinar, atuar profissionalmente, amorosamente, socialmente. Contudo, conforme aponta o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), sujeitos com deficiência ainda permanecem em desvantagem frente a sujeitos sem deficiência. Segundo o instituto, na força de trabalho a taxa de desemprego entre deficientes é de 60%, contra 21% dos não deficientes (IBGE, 2021). Ainda sobre a força de trabalho, agora específico na profissão docente, professores com alguma deficiência na educação básica representam apenas 0,3 dos 2.226.423 em exercício no Brasil (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2022).

Os números levantados pelas instituições supracitadas, revelam o quanto o trabalho iniciado pelo modelo social no final do século XX, ainda precisa ser continuado e por vezes repensado. Emerge aqui nosso problema de pesquisa: Como a presença de um professor cego, a partir de sua posição de sujeito, tensiona e redefine os significados socialmente atribuídos à deficiência no espaço escolar? Assim, objetivamos: analisar o que pode e o que produz a presença de um professor cego no espaço escolar.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa de cunho qualitativo, ancorada nos pressupostos de Gil (2002), teve como sujeitos da pesquisa alunos da educação básica, do Ensino Fundamental e Médio. Todos

IV SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ



Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI



tiveram aulas com um professor com deficiência visual, com perda total da visão em ambos os olhos. As aulas foram ministradas em uma escola do noroeste do Rio Grande do Sul, nos componentes de ciências para o Ensino Fundamental e biologia e física para o Ensino Médio.

Foi enviado, via google formulários, um questionário com duas perguntas objetivas: 1. Você considera que ter aula com um professor cego foi diferente de ter aulas com professores que enxergam? e 2. Analisando as aulas do professor Juliano, você considera que seria possível ter mais professores cegos dando aula nas escolas? Seguidas de um campo para explicarem sua escolha. As respostas que nos interessaram estavam no campo de explicação, onde foram produzidos os enunciados que serão analisados nas próximas seções. Dos 67 alunos participantes, foram selecionadas as respostas de quatro, as quais atendiam nosso problema e objetivo de pesquisa. Pelo envolvimento de sujeitos na produção de dados, a pesquisa está assegurada no parecer CAAE número 53035721.9.0000.5350, submetido ao Comitê de Ética da Unijuí.

Os enunciados produzidos, foram estudados através do método Foucaultiano de análise discursiva. Para Foucault (2012), o discurso é um conjunto de enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva (Foucault, 2012). Esse conjunto de enunciados, é a unidade fundamental do discurso, o qual está longe de ser apenas uma frase gramatical, mas é uma função que se exerce a partir de um conjunto de signos e que tem uma existência material em uma prática discursiva (Foucault, 2012).

Enunciando possibilidades: os significados da presença de um professor cego na escola

Esses enunciados se desdobram dos discursos desse grupo de alunos

“É ótimo para aprender a conviver com pessoas com deficiência.” (Aluno 4)

“Começamos a aprender novas coisas e entender que não é por que você não enxerga, que não pode fazer as coisas.” (Aluno 2)

“Isso ajuda na inclusão de pessoas com deficiência na escola.” (Aluno 1)

“[...] estimular outras pessoas também cegas[...].” (Aluno 3)

Como se sabe o discurso inclusivo começou a ser pensado no final do século XX, sendo um fragmento recente na história dos sujeitos com deficiência, suas vidas, anterior a

IV SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

esse imperativo, eram marcadas por exclusões e singelos processos de integração. Piccolo (2020), ao revisitar essa historicidade, demonstra o quanto esses sujeitos com deficiência foram apartados do convívio social e laboral, destinados a espaços de cura, reabilitação ou o encarceramento compulsório. Essas práticas tinham por objetivo o que hoje poderíamos denominar de higienização social, removendo as imperfeições e anomalias a fim de não deturpar a paisagem desejada em uma territorialidade. Essa falta de socialização, produziu nos sujeitos sem deficiência um desprezo social e uma visão patologizante da deficiência, além de um sofrimento pessoal nos deficientes (Sanz e Palatucci, 2024).

A modificação da paisagem social, tem seus primeiros passos na reivindicação que o modelo social produz, removendo esse indivíduo da invisibilidade e posicionando-o socialmente e laboralmente. Contudo, devido ao efeito gerado na anterior segregação, a presença da deficiência nos espaços de convívio, ainda carrega os estigmas que Sanz e Palatucci (2024) expuseram. Cabe então, inferir que quanto mais a deficiência frequentar esses ambientes, cada vez mais serão ressignificados os conceitos sobre ela.

Nessa proposição emerge a escola como importante espaço de socialização e construção de conhecimento, tanto científico quanto humano. Nesse ambiente, circulam diariamente dezenas e centenas de sujeitos, carregados com suas próprias histórias e concepções de vida, alunos e professores, todos protagonistas de sua realidade. O(A) professor(a) com deficiência ao adentrar esse espaço, por vezes desconstrói significados enraizados socialmente e produz novas formas de visualizar esse corpo tido como estranho. A figura do professor nesse processo, por carregar consigo uma autoridade de conhecimento inerente ao cargo, como apontado por Freire (2015), contribui positivamente para essa desestigmatização da deficiência.

Os enunciados dos alunos, apresentados na abertura da seção, reforçam esses novos contornos que a deficiência ganha. Ao enunciar que a presença de um professor cego nas conduções das aulas, “é ótimo para aprender a conviver com a deficiência”, o aluno 4 explicita a carga histórica que a exclusão deixou para todos os cidadãos, deficientes e não deficientes. O aluno 4 entende que a presença de um professor cego no ambiente escolar, além de ensinar o conhecimento previsto nos currículos, também ensina a conviver com o diferente, desmanchando visões pré concebidas sobre a temática. Assim um professor cego?

IV SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

Pode ensinar, produzir conhecimento e, sobretudo, deslocar os limites que a própria sociedade incluída a escola insiste em impor.

A desconstrução enunciada pelo aluno 4, representa as diferentes formas de relacionar-se com a deficiência, escancarando como nossas percepções sobre o objeto são carregadas de estigmas e julgamentos previamente estabelecidos. Os enunciados proferidos pelos alunos 2 e 4, indicam avanços na percepção da deficiência, especialmente ao reconhecerem a importância da convivência e da inclusão de um profissional professor com deficiência. Segundo o aluno 2, a presença do professor cego também desmancha julgamentos prévios sobre suas capacidades. Ao enunciar: “Começamos a aprender novas coisas e entender que não é por que você não enxerga, que não pode fazer as coisas”, o aluno 2 apresenta que anterior a convivência com a deficiência, carregava noções específicas sobre a capacidade de um sujeito cego. Esse julgamento da capacidade ou incapacidade de um deficiente, na contemporaneidade, recebeu o nome de capacitismo. Segundo Gesser e Block (2020, p. 26), essa prática de discriminação contribui para a “patologização de várias populações, infantilizando-as, declarando-as fracas, vulneráveis, sem inteligência, propensas à doença, menos avançadas, necessitando eternamente de cuidados.” “Ao enunciar “começamos a aprender” mostra que, essa compreensão não era anterior, foi construída na relação; o professor cego aqui atuou como alguém que produz conhecimento e inclusive ensinou que não é só conteúdo escolar, mas uma aprendizagem ética e social.

A enunciação dos alunos evidenciam um movimento de deslocamento na compreensão da deficiência, ao romper com a associação direta entre não enxergar e não poder fazer. No entanto, tal reconhecimento ainda se ancora em uma lógica normativa, na qual a capacidade do sujeito surge como elemento de surpresa, revelando a persistência de sentidos que vinculam deficiência à limitação. Isso indica que a experiência com o professor cego produziu um efeito de ampliação da profissionalização da deficiência, reconhecendo sua capacidade e atuação profissional. Os alunos desenvolvem formas mais complexas de compreender a diferença, não é “ensinar sobre inclusão”, é viver a inclusão. Uma aprendizagem ética não abstrata, mas o testemunho de uma aprendizagem construída na convivência com a deficiência, capaz de tensionar estereótipos e produzir novos modos de ver a deficiência

IV SIEPECSEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS**XXIV ENACED**

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECIENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO**O PAPEL DA EDUCAÇÃO
NO ENFRENTAMENTO
DA CRISE CLIMÁTICA**

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ


Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI
UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

O (des)construir da deficiência, gerada pela presença do professor, constrói indiretamente nos alunos um viés anticapacitista, incorporando em seus discursos esses novos sentidos da deficiência, fato que é percebido no enunciado do aluno 1: “Isso ajuda na inclusão de pessoas com deficiência na escola”. O aluno 1 entende que as mudanças não restringem-se apenas para sujeitos não deficientes. Para o aluno, a estada do professor cego na escola, também influencia nos processos de inclusão imperativos na sociedade brasileira. O Brasil, possui documentos legais que preveem a obrigatoriedade da inclusão de alunos com deficiência na escola regular, como: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº 9.947, de 1996 (Brasil, 1996); a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008 (Brasil, 2008) e a lei nº 13.146 de 2015 (Brasil, 2015). Os documentos remetem ao início do século XXI, ocupando um lugar muito recente na história, demonstrando que além dos estudos na área, a reivindicação do protagonismo da vida deficiente também faz-se necessário para permanecer ressignificando discursos tidos como verdadeiros. A partir do enunciado do aluno 1 conseguimos inferir que a atuação profissional do professor cego é capaz de Trazer uma vivência concreta sobre inclusão, ativamente com a efetivação dos discursos inclusivos. Ademais, essa presença ativa do sujeito cego em sala de aula, desenvolve nos alunos sentimentos de empatia e respeito.

Além de alargar as discussões sobre o discurso da inclusão, o aluno 3 corrobora o aluno 4 ao enunciar que a presença do professor cego é capaz de “[...] estimular outras pessoas também cegas[...]”, o aluno 3 entende que a presença da deficiência gera um processo de representatividade, estimulando outros deficientes a reivindicarem esses lugares antes negados. Apesar de não ter ministrado aulas para outros alunos cegos e/ou com outras deficiências, alunos não deficientes reconhecem a importância da representatividade do professor cego. Lupetina e Damasceno (2021), ao entrevistarem professoras cegas do Instituto Benjamin Constant, expõem que sua atuação profissional dá a condição de possibilidade para que outros semelhantes também busquem a carreira docente.

Os alunos 1 e 3 evidenciam o professor cego como figura de referência, cuja presença produz efeitos de identificação e ampliação de possibilidades para outros sujeitos. Para os alunos a presença de um professor com deficiência desnaturaliza a ideia de capacidade única, mostrando na prática, que existem múltiplas e outras formas de ensinar e aprender.

IV SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

Complementamos os alunos dizendo que a atuação do professor deficiente, não apenas impulsiona os alunos na profissão docente, mas a tomarem para si outras formas de condução de suas vidas, quiçá alterando a paisagem social para uma mais diversa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O final do século XX, inaugurou consigo novas formas de significar e ver a deficiência e o motivo? A reivindicação da vida por sujeitos deficientes, dando a condição para emergência do modelo social da deficiência. Desse momento em diante, muitas foram as mudanças nos discursos e nas condutas sobre esses corpos e grupo social. A inclusão encontra nesse novo paradigma, uma possibilidade de mudar paisagens sociais e ressignificar processos de marginalização e subalternização dessas vidas.

Ao questionarmos Como a presença de um professor cego, a partir de sua posição de sujeito, tensiona e redefine os significados socialmente atribuídos à deficiência no espaço escolar? Conseguimos, juntamente com os protagonistas da educação, produzir enunciados que reforcem a importância de sujeitos deficientes ocuparem lugares historicamente negados. Observamos ainda, que os impactos atingem tanto alunos sem deficiência, quanto alunos com deficiência.

A partir de nossa análise do que pode e o que produz um professor cego no espaço escolar, destacamos que sua presença gera um Deslocamento da incapacidade para a possibilidade, pois consegue ensinar e conduzir a aula com competência e autonomia. A presença do professor cego rompe com um discurso historicamente dominante que associa deficiência à incapacidade, demonstrando que a ausência da visão não impede o exercício da docência. Essa prática profissional docente contra paradigmática e reivindicatória da posição de professor, age na formação ética, política e humana dos alunos, pois promove aprendizagens que vão além do conteúdo programático, como respeito, empatia e inclusão. Além disso, ao ocupar esse lugar laboral, o professor cego torna-se figura de inspiração/modelo, superando estereótipos social e historicamente produzidos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em:

IV SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ



Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI



http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm

Acesso em: 10 mar. 2026.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Resumo Técnico do Censo da Educação Básica e Superior, 2021. Brasília: Inep, 2022. Disponível em: [link do site do Inep]. Acesso em: 10 mar. 2026.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão. Lei 13.146, de 08 de agosto de 2015.** Brasília, 2015.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília, 2008.

DINIZ, Débora. O que é deficiência. São Paulo: Brasiliense, 2007. 89 p. (Coleção Primeiros Passos; 324).

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Edição especial. São Paulo: Paz & Terra, 2021.

Gesser, Marivete; Block, Pamela; Guedes, Anahí. 2020. Estudos da deficiência: interseccionalidade, anticapacitismo e emancipação social. in: Gesser, Marivete; Böck, Geisa Letícia Kempfer; Lopes, Paula Helena. *Estudos da deficiência: anticapacitismo e emancipação social*, Editora CRV, p. 17-37.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Irene. **Pessoas com deficiência têm menor acesso à educação, ao trabalho e à renda.** Atualizado em 16/08/2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37317-pessoas-com-deficiencia-tem-menor-acesso-a-educacao-ao-trabalho-e-a-renda>. Acesso em 02 de Out. 2024.

LUPETINA, R.; DAMASCENO, A. **Vozes femininas: narrativas de professoras cegas.** Curitiba: Editorial Casa, 2022.

PICCOLO, Gustavo Martins. O lugar da pessoa com deficiência na história: uma narrativa ao avesso da lógica ordinária. Curitiba: Editora Appris, 2020.

SANZ, Claudia Linhares; PALATUCCI, Giovanna. Singular e como todo mundo: visibilidade e as pessoas com deficiência. *Tempo Social*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 261-279, jan./abr. 2024. DOI: 10.11606/[0103-2070.ts.2024.213802](https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2024.213802).

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** 8. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2010.